

**AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR A PARTIR
DA EXPERIÊNCIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO JORGE AMADO**

GUILHERME MARBACK NETO 1

UFBA; Centro Universitário Jorge Amado 1
guilherme.marback@unjorge.edu.br 1

JOANA ESPINHEIRA AVENA 2

Centro Universitário Jorge Amado 2
joana.avena@Unijorge.edu.br 2

ALESSANDRA ARGOLO CARVALHO 3

Centro Universitário Jorge Amado; SENAI-CIMATEC 3
alessandra.argolo@Unijorge.edu.br 3

RESUMO

O atual cenário mundial passou a exigir das instituições de ensino superior (IES) estratégias de internacionalização que as posicionem na esfera global do conhecimento e possibilitem a formação de egressos com visão ampla de cidadania e de respeito às diferenças, qualificados para trabalhar neste novo contexto. A internacionalização passa a ganhar destaque no cenário acadêmico e a circulação internacional de estudantes e pesquisadores do ensino superior brasileiro torna-se cada vez maior. Por isso, a autoavaliação, como meio de contribuir para avanço no processo e melhoria na qualidade, torna-se premente. O objetivo deste artigo é avaliar o processo de internacionalização discente no Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge), da rede privada, em Salvador (BA), para, a partir do qual, examinar criticamente as dificuldades encontradas. Utilizou-se como abordagem metodológica a pesquisa exploratória, em função das informações levantadas sobre o processo de internacionalização da Unijorge, bem como sobre seu nível de amadurecimento. Foram utilizados modelos e indicadores de avaliação propostos na literatura. Os resultados indicam que se verifica o processo de internacionalização na IES em foco, o qual, entretanto, não atende parte dos requisitos estabelecidos pelo modelo de Knight. Dos indicadores de avaliação da internacionalização pode-se considerar que a Unijorge possui *Inputs* e *Outcomes* limitados, enquanto os *Outputs* são significativos. As análises desses aspectos permitem inferir que seu processo de internacionalização encontra-se em fase inicial, mas já apresenta traços de amadurecimento com capacidade para avanços significativos em um curto período.

Palavras-chave: Internacionalização, Ensino Superior, Educação, Globalização.

1. INTRODUÇÃO

O atual cenário mundial, caracterizado por uma maior relação entre os países e seus blocos econômicos, aliado à comunicação instantânea e transparente, passou a exigir das instituições de ensino superior (IES) estratégias de internacionalização que as posicionem na esfera global do conhecimento e possibilitem a formação de egressos com visão ampla de cidadania e de respeito às diferenças, qualificados para trabalhar neste novo contexto.

Com efeito, a internacionalização das IES passa a ter importância relevante no cenário acadêmico e a circulação internacional de estudantes e pesquisadores do ensino superior brasileiro torna-se cada vez maior.

Entretanto, a fim que se verifique o efeito da internacionalização para o alcance dos objetivos estratégicos das universidades e como fator contributivo para elevação da qualidade acadêmica, é imprescindível que o processo seja constantemente avaliado pelas instituições que o desenvolvem. Isto, porque ainda existem barreiras intrínsecas que dificultam a internacionalização das IES, como ausência de apoio da alta direção e carência de recursos financeiros ou humanos, além das barreiras extrínsecas, como a cultura incipiente e o contexto econômico dos respectivos países.

No Brasil, principalmente a partir de 2004, com a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), a avaliação, tanto externa quanto interna, das IES tornou-se uma prática. Na autoavaliação, realizada continuamente pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), busca-se o desenvolvimento de ações que contribuam para que as IES avancem em seus desafios e melhorem em qualidade.

A internacionalização passou a exigir, desde 2014, um instrumento de avaliação externa que considera como relevantes as atividades desenvolvidas pelos programas institucionais de mobilidade acadêmica/intercâmbio, a adesão aos editais de mobilidade acadêmica, presença de alunos estrangeiros na IES, oferta de língua estrangeira, oferta de disciplina em língua estrangeira, dentre outros fatores.

Com a criação deste indicador de avaliação, as IES vêm buscando intensificar suas ações de internacionalização; contudo, o retorno educacional dessas ações, bem como sua contribuição para a qualidade institucional e para a formação de profissionais que atendam as demandas de um mercado globalizado ainda são pouco conhecidas.

Este artigo tem por objetivo avaliar o processo de internacionalização discente do Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge), através de ações desenvolvidas pela instituição no âmbito dos programas internacionais e dos resultados obtidos a partir dessas ações.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização do presente estudo, mostrou-se necessário compreender em linhas gerais a globalização em curso e seus impactos no ensino superior, que resultaram no processo de internacionalização do ensino. Assim, serão abordadas as razões para que as IES busquem se internacionalizar, além de modelos do ciclo de internacionalização e suas repercussões como formas de gestão, avaliação e controle do processo nas instituições de ensino superior.

2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

O processo de internacionalização na educação superior não é um fenômeno atual, pois ocorre desde a Idade Média, quando era denominado de peregrinato *accademica* (Marback Neto, 2001, p.68).

Este processo também é referido por Rossato (1998, p.20):

A universidade adquiriu, então, características comuns, originando o fenômeno conhecido como peregrinação acadêmica (*peregrinatio accademica*), que permitia aos mestres e estudantes passarem de uma universidade a outra sem obstáculos e sem dificuldades, pois encontravam em toda a parte a mesma estrutura e a mesma organização de estudos. A universidade adquiriu um caráter “internacional”, e as peregrinações acadêmicas fizeram da Europa uma única universidade.

No século XX, a internacionalização voltou a ser enfatizada no âmbito da recuperação econômica dos países afetados pela Segunda Guerra Mundial, a fim de oferecer assistência técnica para o desenvolvimento com bases em acordos culturais e científicos, mobilidade estudantil e bolsas de capacitação (WIT, 2005). Esse processo se aperfeiçoou e ampliou sua abrangência, ganhando destaque nas últimas décadas em virtude do advento da globalização, do avanço cultural e tecnológico e da interdependência econômica existente entre os países. Esse novo cenário exigiu dos cidadãos conhecimento e educação específicos para atuar no mundo globalizado.

Neste contexto, o ensino superior ganhou relevância como estratégia de preparação e inserção das pessoas no mercado globalizado e como caminho de acesso ao desenvolvimento, possibilitando aos governos e organismos internacionais a formulação de novas diretrizes nacionais e supranacionais para atender às novas demandas, resultantes deste processo de mudanças (CASTRO, 2012).

Com efeito, as instituições de ensino superior passaram a adotar variadas estratégias de internacionalização, a fim de promover um conhecimento mais amplo, unindo o local e o global, e preparando o cidadão para atuação em um mundo com fronteiras cada vez mais transponíveis.

De acordo com Siufi (2007), são inúmeras as atividades realizadas entre e por instituições universitárias, que, por intermédio de múltiplas modalidades, atuam em associação e colaboração no âmbito da política e da gestão institucional para impulsionar a internacionalização, como a mobilidade e intercâmbio de estudantes e professores; a colaboração para o ensino e a pesquisa; a qualidade acadêmica; a cooperação e assistência para o desenvolvimento regional e institucional; o desenvolvimento curricular; a diversificação das fontes de ingressos e o aumento de transferência do conhecimento científico e tecnológico.

Outra contribuição relevante é a da Associação de Reitores Canadenses, que, com o documento *Accord on the Internalization of Education*, concebe processos de internacionalização da educação em cinco áreas de prática educacional interligadas: (1) mobilidade internacional; (2) parcerias internacionais de ensino; (3) parcerias internacionais de pesquisa; (4) internacionalização dos currículos; e (5) formação de educadores e diretores do ensino superior (LUNA, 2016).

A cooperação internacional passa a ser um objetivo comum das sociedades científicas mundiais, pois, através da internacionalização das instituições, são asseguradas a qualidade e a eficácia na renovação e na socialização do conhecimento produzido. O documento de orientação da Conferência Mundial da UNESCO, “Mudança e Desenvolvimento do Ensino Superior”, sublinha que,

[...] na observância do mandato que lhe é conferido por seu Ato Constitutivo, a UNESCO continuará a fazer da promoção da cooperação internacional seu principal objetivo e seu modo de ação preferencial no campo do ensino superior. Deverá favorecer a cooperação em escala mundial, buscando os meios mais eficazes de contribuir para o fortalecimento do ensino superior e da pesquisa nos países em desenvolvimento.

Desse modo, as universidades, com suas estratégias de internacionalização, passam a ser essenciais no processo de desenvolvimento regional, pois atuam decisivamente na cooperação internacional e promovem a integração almejada. Como assinalou Marback Neto (2007, p.173), de acordo com o contexto político e social de cada país, variam essas estratégias, o que certamente irá influenciar no modo de cada IES conduzir o seu processo.

2.2 GESTÃO E AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

A gestão da internacionalização configura-se como procedimento fundamental para que seja possível conhecer a efetividade das ações implantadas e sua eficiência em direção ao alcance dos objetivos propostos pelas IES.

Para efeito do monitoramento e avaliação do modo pelo qual as estratégias de internacionalização vêm sendo implementadas, geridas e avaliadas no âmbito das IES, foi apresentada por Knight (1994) o Ciclo de Internacionalização, que visa a alcançar uma análise ampla desse processo através de uma série de passos interconectados, desde o nível imaterial — que compreende aspectos como a conscientização, motivações e comprometimento — ao real concreto — para verificação das atividades planejadas, desenvolvidas e controladas. Esse modelo é apresentado em 6 (seis) fases (Figura 1).

De acordo com o ciclo, a fase 1 (Conscientização) confirma que a decisão de internacionalizar deve ser amplamente difundida na IES, por não constituir parte de um grupo minoritário. Ela deve ser inclusiva. Essa conscientização, entretanto, não é suficiente, devendo se traduzir em compromisso.

Na fase 2 deve-se buscar, institucionalizar e integrar a dimensão internacional às funções da universidade, a fim de que o comprometimento por parte da alta administração e dos demais *stakeholders* venha a se efetivar como fator crítico.

A fase 3 (Planejamento) envolve a clarificação das razões, objetivos e interesses para a internacionalização pretendida, o que exige estabelecer prioridades e direcionamento. Com esse propósito, a missão desenvolve papel central e deve se traduzir em um plano estratégico e operacional.

A fase 4 (Operacionalização) deve implementar os objetivos e estratégias estabelecidos no planejamento e a criação de uma cultura de apoio à internacionalização. Essa fase dependerá das prioridades e dos recursos disponíveis.

Na fase 5 (Revisão), procede-se à avaliação do incremento contínuo da qualidade e dos impactos do processo de internacionalização em seus diferentes aspectos, visando a certificar-se de que os objetivos estejam sendo cumpridos dentro dos padrões e expectativas esperados.

A última fase (6) compreende o reforço para reconhecer, recompensar e incentivar a participação de docentes e técnico-administrativos, com vistas a desenvolver uma cultura de apoio à internacionalização.

No modelo apresentado observa-se que as fases 5 (cinco) e 6 (seis), revisão e reforço, respectivamente, enfatizam tanto a conscientização quanto o comprometimento. À luz desse entendimento, fica evidente a importância da internacionalização como parte essencial do ciclo avaliativo da IES. Pressupõe-se que a cultura organizacional permeia todas as etapas do ciclo, de modo que os valores da internacionalização estejam enraizados em todas as áreas e dimensões do processo.



Figura 1 - Ciclo de internacionalização (KNIGHT, 1994, p.12)

Estratégias de avaliação do processo de internacionalização, possíveis de adoção pelas IES, têm sido destacadas na literatura.

Stallivieri (2004) ressalta que é fundamental a concepção da internacionalização como uma política, sendo pensada de forma a orientar e gerar ações consonantes com os objetivos institucionais, que deem suporte a estes. Torna-se também crucial que a política seja conhecida por toda a comunidade acadêmica da IES e revisada ou atualizada sempre que necessário.

A definição de um plano de internacionalização, proposta por Knight (1994), “fornece direção, expressa comprometimento institucional e pode definir os objetivos particulares da internacionalização para uma instituição”. Para Stallivieri (2004, p.69), a inexistência de um plano de internacionalização com metas, objetivos e uma expectativa de resultados previamente definidos levou a USC a adotar apenas iniciativas assimétricas e isoladas de alguns professores e pesquisadores.

Outro aspecto importante a considerar é a definição das metas específicas para a área. Trata-se de ter claramente definidos os objetivos e metas da internacionalização. “O estabelecimento de objetivos implica uma forma de definir o sucesso. A questão-chave é definir o que significa para a instituição em termos de internacionalização” (HUDZIK; STOHL, 2009, 16).

Hudzik e Stohl (2009) apontam três tipos de indicadores que devem ser considerados ao se avaliar a internacionalização: i) *Inputs*: recursos (dinheiro, pessoas, políticas, entre outros) disponíveis para apoiar os esforços de internacionalização; ii) *Outputs*: quantidade e tipos de trabalhos e atividades realizados em suporte aos esforços de internacionalização; iii) *Outcomes*: impactos e resultados. Estes indicadores estão diretamente ligados ao alcance das metas e objetivos da IES.

Morosini et al. (2006) observam, entretanto, que a proposição de indicadores de avaliação entre a relação internacionalização universitária e qualidade não é clara, e torna-se ainda mais complexa com a expansão flexível e acelerada da educação superior neste século. É necessário o afastamento de conceitos dogmáticos e idealistas de internacionalização e globalização, com vistas à compreensão desses processos em seus significados puros, não como objetivos em si mesmos, mas como meios para um fim (BRANDENBURG; WIT, 2011, p. 15). Também é crucial reconsiderar a preocupação excessiva com os instrumentos e meios, para investir mais tempo no que é pragmático.

3. METODOLOGIA

Utilizou-se neste estudo a abordagem metodológica exploratória e explicativa. Exploratória porque foram levantadas informações sobre o processo de internacionalização do Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge) e seu status a partir do uso de modelos e indicadores de avaliação, como o proposto por Knight (1994, p.12) e Hudzik; Stohl (2009). E também explicativa porque, a partir da análise dos registros obtidos, buscou-se identificar as causas dos padrões verificados.

Para obter as informações necessárias procedeu-se a uma análise documental a fim de identificar as principais ações de internacionalização realizadas pela IES. Nessa etapa foram considerados como documentos: editais, regulamentos, memorandos, convênios assinados, roteiros de programas, questionários, estatísticas e arquivos capazes de fornecer informações sobre as ações desenvolvidas e seu processo de avaliação aplicado.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE

O Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge), criado em 1999, na cidade de Salvador (BA), é uma instituição privada com cerca de 20 mil alunos e portfólio composto de 22 cursos de pós-graduação (*lato sensu*) e 71 cursos de graduação. Dentre os cursos de graduação, 12 são de ensino a distância. Cumpre esclarecer que a Unijorge não possui pós-graduação *stricto sensu* e grupos de pesquisa, sendo esta última atividade realizada na modalidade de iniciação científica.

Com uma estrutura multicampi, sua missão é promover a melhor experiência de educação para os estudantes, ao expandir o compromisso de valor agregado para além da sala de aula, oferecer um ambiente inspirador e valorizar uma interação plena com a comunidade.

Em 2006, a Unijorge estabeleceu aliança estratégica com a Whitney International University System, organização internacional dedicada à promoção do amplo acesso à educação superior de qualidade. Atualmente, a Unijorge faz parte da rede internacional de ensino Ilumino, presente em oito países e com treze universidades afiliadas na América Latina.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 BREVE HISTÓRICO DO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIJORGE

Em 2008, consciente das novas demandas de mercado e impulsionada pela participação em um grupo internacional de ensino, a instituição investiu na criação de um diferencial competitivo, ao implantar seu processo de internacionalização, através do desenvolvimento de uma ação internacional específica: a mobilidade acadêmica. Foi então inaugurado o Escritório de Intercâmbio, como órgão suplementar da Reitoria. Suas atividades começaram com a captação de universidades internacionais interessadas em estabelecer

convênios de cooperação acadêmica bilateral e unilateral para promoção de programas de mobilidade discente.

Em 2012, a internacionalização foi considerada como um dos objetivos estratégicos da Unijorge, porque buscou centralizar todas as ações internacionais que se realizavam de modo pulverizado na instituição e para oferecer mais programas de capacitação internacional a alunos e funcionários. Foi quando o setor passou a chamar-se Escritório Internacional. Um fato deve ser sublinhado: desde que a Ilumno assumiu o controle do Centro Universitário Jorge Amado, mesmo tendo IES em toda a América Latina, não houve restrição para convênios com universidades que não fazem parte do grupo.

Esta decisão permitiu à Unijorge ampliar o número de convênios com diversos países, pois, de acordo com Stallivieri (2004), não se pode limitar a internacionalização na realização de ações internacionais pontuais. O que se configura, afinal, é um processo de introdução da dimensão internacional na cultura e na estratégia institucional, nas funções de formação, pesquisa e extensão e no processo da oferta e de capacidade de uma universidade. A esse respeito, observa Knight: “A internacionalização não pode ser propriedade de um pequeno grupo, uma vez que se torna marginalizada e pode ser vista como uma questão exclusiva, em vez de inclusiva”.

Em 2013, o Escritório Internacional ampliou sua abrangência, com a inauguração de um Centro de Idiomas, para contemplar as modalidades presenciais e à distância, visando ao fortalecimento do caráter internacional da instituição, o que se traduz em geração de valor agregado significativo e auxilia a formação de profissionais globalizados.

4.2 AÇÕES E PROGRAMAS INTERNACIONAIS DESENVOLVIDOS PELA UNIJORGE

As atividades de internacionalização da Unijorge, sob a supervisão e/ou execução direta de seu Escritório Internacional, orientam-se através de: i) Programas de Mobilidade — com a oferta de intercâmbio acadêmico emissivo e receptivo, em âmbito nacional ou internacional, para professores, alunos, colaboradores e egressos, quando for o caso; ii) Cooperação Acadêmica — referente aos convênios de cooperação firmados com organismos e instituições internacionais; iii) Internacionalização *at home* (IaH) — desenvolvimento de atividades internacionais realizadas no campus I; iv) Centro de Idiomas — oferta de língua estrangeira, na modalidade presencial e à distância. Embora estes programas possam integrar também docentes, no presente artigo será dada ênfase à internacionalização discente.

Os Programas de Mobilidade ofertados pela IES estão entre as atividades mais procuradas pelos alunos. O intercâmbio acadêmico, que proporciona a imersão acadêmica internacional, através de realização de estudos em universidades estrangeiras, configura-se como a atividade de maior destaque na estratégia de internacionalização da Unijorge, por ser a estratégia de mobilidade com maior adesão dos discentes (Figura 2).

A atividade de mobilidade da instituição oferece ainda o Programa de Intercâmbio Acadêmico Receptivo, caracterizado pela recepção de um aluno internacional para realização do estudo de um período letivo na instituição. Entretanto, é notória a disparidade entre o número de alunos do intercâmbio emissivo em comparação com o receptivo (Figura 3). Este dado evidencia uma das barreiras ao processo de internacionalização, o que adiante será examinado.

Figura 2 - Adesão dos Alunos ao Programa de Intercâmbio Emissivo da Unijorge

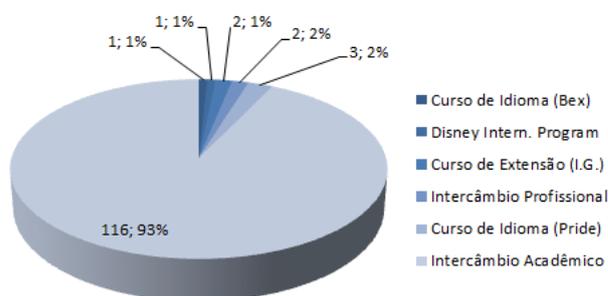
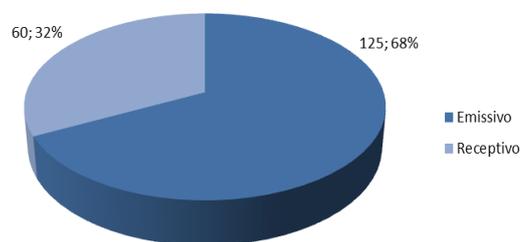


Figura 3- Comparação entre os Intercâmbios Emissivo e Receptivo da Unijorge



A atividade de cooperação na Unijorge caracteriza-se por uma variedade de países e universidades internacionais em parcerias estabelecidas com a instituição. Essa atividade de captação de parceiros globais ultrapassa a fronteira do grupo internacional do qual a Unijorge faz parte, a rede Ilumno, e contempla parcerias com universidades no mundo todo, disponibilizando para o discente uma rede de destinos diversificada (Tabela 1).

Tabela 1 - Parceiros internacionais da Unijorge.

PAÍS	PARCEIROS
Alemanha	OTH Regensburg
Argentina	Universidad Empresarial Siglo 21 (ILUMNO); Universidad Lanús
Bolívia	Universidad Privada Santa Cruz de la Sierra
Canadá	St. Clair College; University of Victoria
Chile	Instituto Profesional Providencia (ILUMNO); Universidad Viña del Mar; Universidad Mayor
Colômbia	Politécnico Grancolombiano (ILUMNO); Fundación Universitária del Área Andina (ILUMNO); Corporación Universitária del Caribe (ILUMNO); Universidad de Ibagué; Universidad Sergio Arboleda; Escuela de Artes y Letras
Costa Rica	Universidad San Marcos (ILUMNO)
Espanha	Universidad de Sevilla; Universidad de Las Palmas de Gran Canaria; Escuela de Artes Superior de Deseño de Ourense Antonio; Universidad Santiago de Compostela; Universidad Rey Ruan Carlos; European University; Universidad de Jaén
EUA	Monroe College; University of Texas Arlington (UTA); University of California – UCSD;
França	ISC Paris - School of Management; ESC Amiens - School of Management; Paris School of Business; IDRAC
Inglaterra	Newcastle College
México	Universidad Anahúac
Panamá	Universidad del Istmo (ILUMNO)
Paraguai	Universidad Americana (ILUMNO)
Portugal	Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (UTAD); Universidade do Porto
Turquia	Anadolu University; Hacettepe University

Dentre as instituições de ensino parceiras, verifica-se a preferência dos alunos da Unijorge por universidades situadas em países de língua espanhola (Figura 4). Da mesma forma, os alunos internacionais que procuram a Unijorge para realização do intercâmbio, em sua maioria são de língua espanhola. Essa constatação encontrada no grupo de intercambistas da instituição também se configura como um dado importante, pois indica a influência do

contexto econômico e a importância da similaridade entre as línguas espanhola e portuguesa, o que analisado no item 3.4.

Figura 4 - Instituições de ensino superior escolhidas pelos alunos da Unijorge para realização de intercâmbio acadêmico.

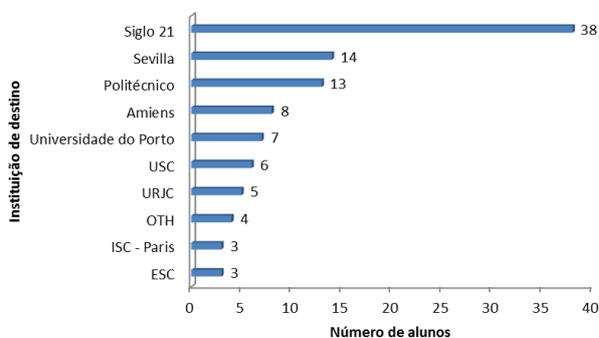
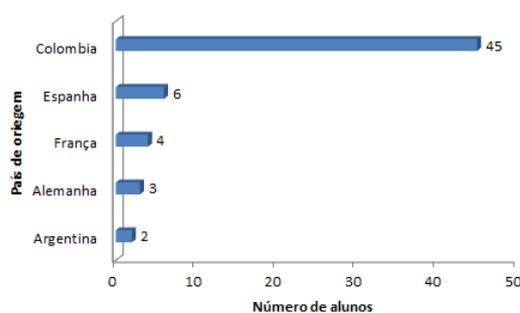


Figura 5 – País de origem dos alunos internacionais que realizam intercâmbio acadêmico na Unijorge.



As atividades de internacionalização interna, desenvolvidas para promover a dimensão intercultural e internacional no processo de ensino-aprendizagem, tanto nas atividades extracurriculares quanto nas relações com comunidades culturais e grupos étnicos locais, é chamada de *Internationalization at home* (IaH), ou internacionalização do *campus*, ou ainda internacionalização doméstica (KNIGHT, 2004; STALLIVIERI, 2008). Knight (2004) ressalta o fato de que este tipo de internacionalização deve representar uma das funções principais de uma instituição de ensino superior, incluindo aspectos curriculares, extracurriculares e organizacionais.

No âmbito da Unijorge essas ações têm como objetivo primordial proporcionar ao aluno, independentemente de aspectos financeiros, ou de outra ordem, que o impeçam de sair do país, a oportunidade de ter uma experiência internacional. Dentre as atividades propostas nesta esfera está o Projeto Classe Espelho, cujas aulas são ministradas por um docente internacional, via internet, ao vivo, para uma turma de alunos da Unijorge. Os alunos podem interagir com o professor e com colegas da turma internacional em tempo real.

O Centro de Idiomas da Unijorge prioriza a construção do bilinguismo na comunidade acadêmica, ao oferecer cursos de inglês, espanhol, francês, alemão e mandarim, nas modalidades à distância e presencial. A consciência da necessidade de conhecimento da língua inglesa para uma formação acadêmica completa, por parte do aluno, bem como sua inserção facilitada no mercado de trabalho foram argumentos que levaram a instituição a oferecer cursos de inglês à distância de forma gratuita para seu corpo discente. No entanto, o número de alunos que concluíram o curso integralmente e receberam o certificado foi incipiente. Este dado reforça não apenas a importância da construção de uma cultura internacional e bilingue na instituição — que anteceda as iniciativas internacionais — mas também a influência do aspecto cultural que a Unijorge contempla pontos que serão considerados no item 4.4.

A estrutura detalhada de atividades internacionais desenvolvidas pela instituição favorece a respectiva gestão e o envolvimento dos setores e áreas envolvidos. Contudo, essas atividades e seu processo de operacionalização na Unijorge sofrem interferência de fatores internos e externos, que comprometem a realização da internacionalização, como se almeja.

4.3 AVALIAÇÃO DO GRAU DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIJORGE

A Unijorge realiza a autoavaliação de sua internacionalização por meio de indicadores de expansão dos programas de mobilidade discente e docente, da ampliação dos acordos de cooperação internacional e da oferta de ações internacionais nos campi. São ainda

considerados como indicadores: a) Número de programas institucionais de mobilidade acadêmica/intercâmbio oferecidos; b) Adesão aos editais de mobilidade acadêmica (*in e out*); c) Adesão aos cursos de línguas estrangeiras; d) Adesão às ações de internacionalização *at home* (palestras internacionais; classes espelhos com docentes internacionais; Hospede um estrangeiro; Gringo amigo; eventos internacionais); e) Número de convênios de cooperação firmados.

A autoavaliação da instituição que ocorre, semestralmente, faz uso ainda de questionários aplicados aos alunos que participaram de programas internacionais e de questionários aplicados através da CPA, buscando avaliar o desempenho das atividades junto ao público atendido, considerando que a avaliação interna é um instrumento de melhoria dos processos e serviços prestados. Para a análise apresentada neste artigo, adotou-se como modelo de avaliação o ciclo de internacionalização proposto por Knight (2004).

A Unijorge atende, parcialmente, a fase 1 do ciclo, já que a decisão de internacionalizar é amplamente difundida na instituição, não sendo parte de um grupo minoritário. Essa difusão ocorre mediante cursos de capacitação periódicos realizados pelo Escritório Internacional para as equipes de atendimento aos alunos e publicação institucional de textos sobre as atividades internacionais desenvolvidas, entre outras atividades.

Há na Unijorge o comprometimento por parte da alta administração com o processo de internacionalização, estando o Escritório Internacional ligado diretamente a Reitoria. Porém, a dimensão internacional ainda não está totalmente integrada a todas às funções institucionais da universidade, vez que alguns departamentos estratégicos, administrativos e acadêmicos, optam por não ligar suas atividades internacionais ao setor centralizados das mesmas – o Escritório Internacional – ou ainda, desconhecem ou ignoram a atividade do setor, o que configura o atendimento parcial a fase 2 proposta no ciclo de avaliação.

Por outro lado, os objetivos e interesses concernentes à internacionalização são bem definidos na Unijorge e estão traduzidos em documentos institucionais (Plano de Desenvolvimento Institucional e Política de Internacionalização), bem como no plano estratégico e operacional, o que reforça e demonstra seu compromisso de atender ao desejado para a fase 3

Cumprir considerar que ainda necessita de aprimoramento a fase de operacionalização do processo, a qual consiste na implementação dos objetivos e estratégias estabelecidos no planejamento e na criação de uma cultura de apoio à internacionalização. Os aspectos que merecem atenção referem-se, principalmente, à disponibilidade de recursos financeiros e de um orçamento próprio para as ações internacionais e para o setor que gerencia o processo. A cultura internacional também ainda não está difundida na comunidade acadêmica, o que fragiliza o processo, dado confirmado através dos indicadores que mostram baixa adesão às atividades internacionais, o número inexpressivo de alunos que concluíram o curso de inglês disponibilizado de forma gratuita pela instituição, ou ainda a dificuldade de flexibilização do currículo para inclusão de disciplinas optativas ou eletivas em língua inglesa.

A revisão do processo é realizada anualmente, quando se analisam a qualidade e os impactos das atividades internacionais em seus diferentes aspectos.

A fase 6 do processo de Knight, no entanto, é menos evidenciada na Unijorge, visto que são ainda incipientes o reconhecimento, a recompensa e o incentivo à participação de docentes e técnico-administrativos em ações internacionais, o que compromete ainda mais o fortalecimento da cultura de apoio à internacionalização.

Por outro lado, a instituição já avançou em pontos importantes, como a definição de uma política de internacionalização, que regulamenta sua estratégia de atuação, e a concepção de um plano de internacionalização, cujas metas e objetivos do processo, apresentados anualmente, são contemplados no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Entretanto, são indispensáveis a publicação e divulgação dos documentos institucionais entre os docentes, discentes e colaboradores técnico-administrativos.

Diante dos indicadores de avaliação da internacionalização apontados por Hudzik e Stohl (2009), pode-se considerar que a Unijorge possui *Inputs* limitados, porque não disponibiliza recursos pessoal e financeiro suficientes para atendimento ao processo. Seus *Outputs*, no entanto, demonstram ser significativos, pois a instituição disponibiliza e realiza uma ampla variedade de trabalhos e atividades internacionais. Com relação aos *Outcomes*, as metas e objetivos da Unijorge são alcançados. Entretanto, as metas são limitadas, ainda pouco audaciosas.

As análises acima permitem afirmar que o processo de internacionalização na Unijorge encontra-se em fase inicial, porém já apresenta traços de estrutura sólida com capacidade de avanços significativos em curto prazo.

4.4. CONTEXTO REGIONAL DA UNIJORGE E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Não é possível analisar o processo de internacionalização em foco sem considerar o contexto regional da Unijorge. Com efeito, cabe sublinhar que a instituição vem desenvolvendo esforços para avançar nesse processo. Contudo, além dos fatores intrínsecos analisados a partir da autoavaliação, fatores extrínsecos devem ser examinados, como os de ordem cultural e histórica, os de natureza política e socioeconômica, tanto quanto as características geográficas da região onde a instituição está localizada. Para entender tais fatores, cumpre referir, em linhas gerais, aspectos da internacionalização do ensino superior no Brasil.

A mobilidade internacional está entrelaçada com a história do ensino superior no país, em que se verificam momentos de avanço, estagnação e retrocesso. Desde o período colonial, a mobilidade acadêmica se fez presente com migração de estudantes pertencentes à elite para a Universidade de Coimbra, em Portugal, e, posteriormente, com a criação das primeiras universidades. Na década de 1970, o governo federal incentivou a formação continuada internacional de docentes e a ampliação de cursos de pós-graduação. Em 1988, com a criação do Fórum das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (FAUBAI), registra-se contribuição relevante para o desenvolvimento do processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior Brasileiras, atuando como instrumento para a melhoria do ensino, da pesquisa, da extensão, da gestão e também da promoção da inserção das IES no cenário mundial.

Contudo, o tipo de internacionalização que, nas últimas décadas, predominou nas IES brasileiras estava relacionado às atividades de pós-graduação *stricto sensu*. Para Morosini (2006, p. 107), esta situação revela o “predomínio do modelo periférico de internacionalização da educação superior, ou seja, a internacionalização está focada na pós-graduação, e não na universidade como um todo”.

Essa centralização da internacionalização nas atividades de pós-graduação *stricto sensu* constituiu uma barreira que a Unijorge precisou ultrapassar, por não possuir essa modalidade de ensino. Contudo, a necessidade de iniciar o processo de internacionalização do conhecimento, desde a graduação, foi vista como uma prioridade.

Outros avanços significativos se verificaram em 2010, com a criação do Fórum de Relações Internacionais dos Institutos Federais (FORINTER), e em 2011, quando, para expandir a internacionalização nas IES brasileiras, o governo federal criou o programa Ciência sem Fronteiras (CsF), a fim de possibilitar o acesso de estudantes brasileiros a programas de mobilidade internacional. Esse programa fez com que muitos jovens

universitários realizassem estudos no exterior em universidades de excelência. A expectativa era que trouxessem a visão de inovação e tecnologia para o Brasil. Todavia, o que ocorreu foi justamente um descompasso entre o planejado e o retorno desses estudantes. Nada se fez e, de alguma forma, muito se perdeu nesse investimento.

A Unijorge participou do CsF no rol das IES privadas parceiras, tendo, inclusive, alunos aprovados pelo programa. Contudo, a ausência de uma cultura para a pesquisa fez com que essa participação não apresentasse resultados significativos.

Ao considerar os fatores geográficos, é importante ressaltar que a América Latina nunca esteve em destaque no cenário mundial, o que lhe impõe uma posição de dependência em relação às outras economias mundiais, o que se reflete no processo de internacionalização. Essa situação de dependência se verifica, também, no campo educacional, donde o fato de que a América Latina se insere no processo de internacionalização do ensino superior de forma pouco expressiva, o que repercute na mobilidade estudantil.

Outro fator crítico é que a América Latina não é uma região com uma história de grande mobilidade, já que possui um espaço geográfico extenso, índice intermediário de desenvolvimento econômico e tecnológico e pouca tradição de integração. A dificuldade é maior quando se analisa a realidade acadêmica do Brasil, único país da América Latina que — por causa sua colonização — é de língua portuguesa e não espanhola. Esses fatores repercutem em um baixo grau de competitividade das IES brasileiras, quando comparadas com as grandes universidades de regiões desenvolvidas do mundo, para recepção de alunos internacionais.

A internacionalização através da mobilidade não é recíproca, e está pautada principalmente em programas com ênfase no envio de estudantes ao exterior, enquanto o recebimento de alunos e professores visitantes geralmente acontece em número significativo nos países desenvolvidos. Esta relação é considerada Sul-Norte (MOROSINI, 2006).

Quando se analisa o contexto regional da Unijorge, o problema é ainda mais crítico. O Estado da Bahia, que, até recentemente, dispunha de apenas uma Universidade Federal, apresenta uma participação em pesquisa inexpressiva em nível nacional. Ora, a produção de conhecimento científico é de importância decisiva para a internacionalização.

Os estudantes de Salvador, assim como a maioria dos estudantes brasileiros, não possuem a cultura da mobilidade acadêmica. Isto é confirmado pelo perfil do corpo discente da Unijorge, grande parte do qual não acredita que a mobilidade internacional lhe seja possível.

Na análise socioeconômica, percebe-se que tanto o perfil financeiro quanto a escolaridade de nível médio insatisfatória dos alunos influem diretamente em sua adesão às atividades internacionais. Nas instituições privadas em geral, o perfil predominante é o de alunos que buscam exclusivamente uma colocação profissional. Seu objetivo imediato, por isso, é a obtenção de qualificação em menor tempo, razão pela não consideram a necessidade de se tornar cidadãos do mundo ou lograr uma formação mais completa e globalizada. A dificuldade de recursos financeiros para viagens e a não consciência da necessidade de conhecer outros idiomas colaboram para números pouco significativos na participação de atividades internacionais propostas pela instituição.

Em face, pois, dos fatores críticos que dificultam o processo de internacionalização, é premente a compreensão do que significam as novas estruturas e atividades no ensino superior nesta era global. Dito de outro modo, o país que não investir na criação de novas formas de capacitação na educação universitária e articulá-las com o que é dominante na atualidade, ficará isolado no cenário mundial. O mesmo vale para as instituições de ensino superior no que se refere à formação profissional, científica e cultural.

Como assinalam Barreto e Leher (2003, p.39), “um admirável mundo novo emerge com a globalização e com a revolução tecnológica que a impulsiona rumo ao futuro virtuoso”.

5. CONCLUSÃO

A globalização, o avanço tecnológico e a interdependência entre países são fatores que influenciam crucialmente o processo de desenvolvimento da sociedade do conhecimento e exigem, nessa medida, um novo posicionamento do ensino superior brasileiro e mundial.

Neste contexto, o mercado de trabalho, que se apresenta altamente competitivo, exige dos profissionais, e exigirá cada vez mais, uma formação internacionalizada e multidisciplinar, cabendo às instituições de ensino superior a responsabilidade pela formação de egressos capazes de competir neste contexto para alcançar a tão esperada empregabilidade.

Ademais, no contexto de inter-relação dos países, a internacionalização do ensino superior tem sido um tema importante na pauta do desenvolvimento nacional, considerando que os investimentos educacionais para formação de cidadãos globalizados constituem os pontos estratégicos para o avanço das nações.

A internacionalização do ensino superior ultrapassa, portanto, a classificação de fator de qualidade e destaque institucional, se forem considerados o meio acadêmico, sua agregação econômica e o papel das IES privadas, o que se configura como fator contributivo para o desenvolvimento do país, sendo a educação superior a responsável por uma formação que assegure o conhecimento profundo dos problemas comuns à maioria das nações, de forma a colaborar decisivamente para o seu crescimento sustentável.

No caso do Brasil, apesar da pouca tradição de seu ensino superior e da defasagem nacional em termos de internacionalização do conhecimento, especialmente quando comparado aos principais centros acadêmicos do mundo, as IES dotadas de pensamento mais crítico e capacidade de renovação, atualização e flexibilização apresentam um avanço no processo de internacionalização.

Contudo, grandes desafios ainda são enfrentados pelas IES brasileiras que compreenderam o contexto atual e buscam a implantação de um processo de internacionalização. Os desafios existentes passam por fatores históricos, em face dos quais percebe-se uma formação cultural que nega ou ignora a necessidade latente da internacionalização do conhecimento. Fatores geográficos e idiomáticos, por sua vez, podem significar o isolamento do país, por ser a única nação de língua portuguesa na América Latina, região que, historicamente, tem sido pouco expressiva no cenário mundial. Além dos fatores econômicos e da falta de políticas públicas que contribuam para o processo, em que pesem algumas iniciativas do governo federal, como a do programa Ciência sem Fronteira, a interação acadêmica internacional está longe de obter resultados eficazes.

A unidade de análise escolhida, o Centro Universitário Jorge Amado, lida com todos os desafios inerentes às IES brasileiras no processo de internacionalização, aos quais se somam os desafios na gestão e no direcionamento das políticas e ações institucionais e na implantação e avaliação dos planos de internacionalização.

De todo modo, a Unijorge já possui um processo de internacionalização em andamento, com ações bem estruturadas e que regulamentam seu curso. Porém, carece de um alinhamento institucional maior e do desenvolvimento de uma cultura de internacionalização em seu meio acadêmico.

A mudança de estrutura e cultura, a fim de fortalecer a dimensão internacional nas IES brasileiras, certamente terá reflexos positivos no país como um todo, funcionando, inclusive, como ferramenta para seu desenvolvimento sustentável.

REFERÊNCIAS

AGUERA, B. **Internacionalização de Municípios**, 2015. Disponível em <<http://conexucb.com/blogconex/2015/11/10/internacionalizacao-de-municipios>>. Acesso em 12 dez 2016.

AZEVEDO, M. **Educação Superior, Internacionalização e Circulação de Ideias: Ajustando os Termos e Desfazendo Mitos**. USP, 2013;

BARRETO, R. G.; LEHER, R. Trabalho docente e as reformas neoliberais. In: OLIVEIRA, D. A. **Reformas educacionais nas normas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CASTRO ARAUJO, A. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação** ,n. 4, p. 41–52, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502012000200005&script=sci_arttext&tlng=es > Acesso em: 9 dez. 2016.

FREITAS DE LUNA, J. **Internacionalização do Currículo: Educação – Interculturalidade – Cidadania**, Global, p.130, 2016.

HUDZIK, J. K.; STOHL, M. Chapter 2 - Modelling assessment of the outcomes and impacts of internationalization. In: DE WIT, H. (Ed). **Measuring success in the internationalisation of higher education**. EAIE Occasional Paper 22. European Association for International Education (EAIE), 2009.

KEOHANE, R. **International Institutions And State Power: Essays in International Relations Theory**. Boulder, Westview Press, 1989. Disponível em: <http://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/intj45&div=46&id=&page=>. Acesso em 15 dez 2016.

KNIGHT, J. Internationalization: Elements and Checkpoints. **CBIE Research n.7 - Canadian Bureau for International Education**, 1994. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED549823.pdf>>. Acesso em: 5 Dez. 2016.

KNIGHT, J.; DE WIT, H. Strategies for Internationalisation of Higher Education: Historical and Conceptual Perspectives. In: DE WIT, H. (Ed.). **Strategies for Internationalisation of Higher Education: A Comparative of Australia, Canada, Europe and the United States of America**. Amsterdam: The EAIE, 1995.

MARBACK NETO, GUILHERME. A avaliação institucional como instrumento de gestão. **Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista**, 2001.

MARCOVITCH, Jacques (Org.). **Cooperação Internacional: Estratégia e Gestão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MORGENTHAU, Hans. **A Política entre as Nações**. Editora Universidade de Brasília, 2003.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: Conceitos e práticas. **Educar**, n. 28, . Curitiba: Ed. UFPR, 2006

ONZOÑO, S. Í. de. La educación superior en lo entorno global: estrategias de internacionalización de las universidades. **La Cuestión Universitaria**, v. 5, p.192-200. 2009. Disponível em: <<http://www.lacuestionuniversitaria.upm.es/>

web/grafica/articulos/imgs_boletin_5/pdfs/LCU57.pdf?PHPSESSID=dngio23juhn7pbi05req8ibg43>. Acesso em: 9 jan. 2017.

ROSSATO, Ricardo. **Universidade: nove séculos de história. Rio Grande do Sul**, Editora Universidade de Passo Fundo, 1998. 235p.

SASSEN, Saskia. **As Cidades na Economia Mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998;

SATO, Eiiti. A Agenda Internacional Depois da Guerra Fria: Novos Temas e Novas Percepções. **Rev. Bras. Polit. Int**; Brasília, v.43, n.1, p. 138-169, Jun 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n1/v43n1a07.pdf>>. Acesso em: 5 jan 2017;

SIUFE, G. (2007). Cooperación internacional e internacionalización da la Educación Superior. S.I IESALC; UNESCO. Disponível <<http://www.ess.ielsac.unesco.org/ve/index.php/ess/article/viewArticles/55>> Acesso em: 9 dez. 2016.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de Internacionalização das Universidades Brasileiras**. São Paulo, Editora: Educs, 2004.

STALLIVIERI, L. **Gestão e Liderança Universitária**. São Paulo, Editora: Educs, 2008.

TOFFLER, A. **A terceira onda: a morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

UNESCO. Educação superior: reforma, mudança e internacionalização. **Anais**. Brasília: UNESCO Brasil; SESU, 2003.

WERTHEIN, J. e CUNHA, C. Documento de orientação da Conferência Mundial da UNESCO – Fundamentos da Nova Educação. **Cadernos UNESCO**, Série Educação, Volume 5, p.18, 2000;

WIT, H. de.. América Latina y Europa ante el fenómeno de la internacionalización: In: Mora, J. G. & Lamarra, N. F. (Org.). **Educación superior: Convergência entre América Latina y Europa** (pp 222-226). Caseros: Eduntref, 2005.

_____, **Repensando o conceito da internacionalização. Ensino Superior** Unicamp/Universidade Estadual de Campinas. 8ª Ed. Campinas.SP: Universidade Estadual de Campinas. 2013.

WALTZ, K. **Theory of International Politics**. University of California, Berkeley, 1986.